

ÉTICA E PROFISSÃO: UMA REFLEXÃO SOBRE TRABALHO E ETICIDADE

José Renato Polli*
Sidnei Ferreira de Vares**

RESUMO

O presente artigo pretende contribuir para as discussões em torno do conceito de ética e sua aplicação no âmbito do exercício profissional. Como o tema da ética tem sido pensado de forma fragmentária, pretendemos demonstrar que, como um campo da reflexão cujos limites não estão circunscritos, a ética é condição imanente da vivência do homem.

PALAVRAS-CHAVE: *Ética, profissão, trabalho.*

ABSTRACT

The present article intends to contribute with the discussions around the concept of ethics and its application in the scope of the professional exercise. As the theme of ethics has been thought of in a fragmentary way, we intend to demonstrate that, as a field of meditation whose limits are not confined, ethics is a condition inherent to man's life.

KEY WORDS: *Ethics, profession, work.*

1. Ética, homem e sociedade

“O homem é um animal político”. Iniciamos esta reflexão com a frase atribuída a Aristóteles, pois acreditamos que ela possa servir como ponto de partida para algumas observações que deverão orientar nossa reflexão. De fato, o homem é um animal político, como bem observou o estagirita¹, entretanto esta sua dimensão política é apenas uma de suas facetas. Antes de ser um “animal político” o homem é um ser social.

Quando pensamos num homem isolado, numa ilha deserta, não imaginamos que ele precise de regras, leis, normas ou que tenha uma dimensão social e política. Ora, um homem sozinho, sem ninguém por perto, não precisaria de regras para sobreviver. Com efeito, esta é uma situação hipotética, pois como sabemos os homens não vivem isolados, pelo contrário, vivem em sociedade, e só conseguem

* Licenciado em Filosofia e Pedagogia, Mestre em História Social (PUC-SP), doutorando em Educação: Filosofia da Educação (USP)

** Licenciado em História, graduando em Pedagogia e pós-graduado em Psicopedagogia (UNIFAI)

¹ Aristóteles nasceu na cidade de Estagira, na Macedônia, por isso é chamado de “estagirita”.

adquirir esta dimensão social na medida em que interagem. Mas, para a convivência em sociedade devem existir regras de convívio que permitam a sobrevivência do coletivo. Desde os primórdios da vida humana, as regras sociais estão presentes, mesmo em pequenos grupos, buscando mediar as relações estabelecidas entre os indivíduos.

O homem, diferentemente dos outros animais, desenvolveu habilidades que lhe possibilitaram transformar a natureza, criando a sua própria natureza, chamada "cultura".

A cultura está sujeita a transformações no tempo e espaço, e com isso, regras, leis, costumes, e a própria vida social também estão. Além de uma dimensão social, moral e política, o homem possui uma dimensão histórica. Um determinado comportamento válido na Idade Média pode não ter mais validade atualmente, assim como uma regra social válida na Indonésia, mesmo numa mesma época, pode não ter validade alguma no Brasil.

Observamos então que o homem tem muitas dimensões (histórica, social, política, moral), e que estas estão sujeitas a transformações no tempo e espaço. Em suma, o homem é um ser diferenciado que transforma a natureza e produz cultura, e ao interagir com outros homens, adquire uma dimensão social, que só poderá sobreviver se existirem regras de convívio que assegurem o bem estar de todos.

2. A importância da moral para vida em sociedade

"Se Deus não existe, tudo é permitido" Fiódor Dostoiévski

A vida em sociedade exige certos costumes e procedimentos que devem preservar os indivíduos que a compõem. O que poderia ocorrer se a frase acima, de Ivan, personagem criado por Dostoiévski, em sua obra *Os Irmãos Karamasov*, fosse colocada em prática? Certamente nos encontraríamos num caos. Claro que Dostoiévski não queria isto. O autor russo só queria enfatizar a importância da religião, ou melhor, de um ser superior, para a vida humana. Muitas vezes não fazemos coisas por temor a Deus. Mas nesse caso, um ateu não poderia fazer tudo o que quisesse? A resposta é negativa. Além das estruturas religiosas e explicações metafísicas que ajudam a nortear nossas ações, existem regras sociais que regulam e fundamentam nosso comportamento.

As leis, normas, regras, prescrições, costumes, são estruturas que servem como meios em nosso comportamento social. Romper com elas seria o mesmo que romper com a sociedade. Mas existem diferenças substanciais entre uma lei, uma regra e um costume. Elas não têm a mesma força de coerção. O costume está baseado na tradição. Quando um católico decide comer carne num feriado santo, está desobedecendo a um costume, neste caso um costume religioso, porém não será punido por sua decisão. Já a regra pode eventualmente ser quebrada, sendo passível de punição, porém não tira do sujeito a liberdade para decidir se quer ou não acatá-la, se concorda ou não com ela. Por sua vez, a lei tem um poder

de coerção que a torna imperativa. O sujeito pode até não concordar com ela, mas deverá cumpri-la. Com efeito, a lei lhe é externa e não lhe dá liberdade para desacatá-la.

A este conjunto de prescrições dá-se o nome de moral. A moral tem por intuito regular a vida social, permitindo a manutenção dos indivíduos e da própria sociedade. Mas se a moral regula nossa vida seria o caso de não precisarmos refletir sobre ela? Devemos abandonar a liberdade de escolha em detrimento do cumprimento cego das normas? Não. Efetivamente esta não é a postura de um ser social. Apesar da importância da moral efetiva para a vida social, faz-se necessário refletir sobre a mesma, pois quando o homem deixa de fazê-lo, torna-se mero instrumento, coisa, quando na verdade, o homem não deve ser meio, mas fim. A esta reflexão sobre as normas, regras, leis e comportamentos, que formam a moral efetiva, damos o nome de ética.

3. As origens da discussão ética

Ao contrário do que muitos pensam, a ética constitui uma preocupação antiga do homem. Desde o surgimento da filosofia, a ética vem sendo abordada com ênfase. Etimologicamente, a palavra ética tem sua origem no termo grego *ethos*, que por sua vez significa modo de ser, caráter. Por sua vez a palavra moral deriva do latim, mais precisamente do termo *mos* (singular) e *mores* (plural), significando costumes.

Entretanto, enquanto discussão, a ética tem sua origem na antiguidade, mais precisamente na Grécia, berço da cultura ocidental. Podemos afirmar que a ética, enquanto expressão de uma reflexão mais apurada sobre os fundamentos morais, surge atrelada à filosofia, muito embora não seja apenas mera disciplina auxiliar desta, constituindo-se numa ciência, que tem como objeto de estudo o comportamento moral e seus fundamentos.

Quase desde as origens da filosofia, e particularmente desde Sócrates na Antiguidade grega, os filósofos não deixaram de tratar em grau maior ou menor destas questões. (VASQUEZ, 1989: 16)

Já o comportamento prático-moral, ou seja, o comportamento efetivo de indivíduos ou grupos, que se faz representar através das normas morais reconhecidas, valores, princípios, prescrições, costumes, estes existem desde que o homem passa a viver em sociedade, mesmo que em pequenos grupos, portanto desde seu nascimento como ser social.

De fato, o comportamento humano prático-moral, ainda que sujeito a variação de uma época para outra e de uma sociedade para outra, remonta até as próprias origens do homem como ser social. (VASQUEZ, 1989: 7)

² Período que antecede o nascimento da filosofia, no qual as explicações sobre os fenômenos naturais e sociais eram baseadas em mitos.

Embora durante o período *mítico*³, na Grécia clássica, a preocupação com a ética já se fizesse presente nas explicações de caráter mitológico, foi a partir do desenvolvimento do pensamento filosófico, por volta do ano 500 a.C., e do surgimento da *pólis* (*cidade-estado*), que a ética passa ser estudada com mais intensidade.

Sócrates (470–399 a.C.), eminente filósofo ateniense, é considerado um dos primeiros a se preocupar com a questão da ética, principalmente por ter desenvolvido um tipo de pensamento que valorizava o homem enquanto ser, enfatizando sua subjetividade.

Mas, embora os gregos não gostassem dos questionamentos socráticos, Sócrates foi chamado muitos séculos depois “o fundador da moral” porque sua ética não se baseava simplesmente nos costumes do povo e dos ancestrais, assim como nas leis exteriores, mas sim na convicção pessoal, adquirida através de um processo de consulta ao seu “demônio interior” (como ele mesmo dizia), na tentativa de compreender a justiça das leis. (VALLS, 1994: 17)

A Sócrates é atribuído o papel de mudar o rumo da filosofia, superando o pensamento cosmológico, desenvolvido pelos filósofos anteriores (pré-socráticos). A procura pela verdade, a essência das coisas, em Sócrates tem como ponto de ~~partida o próprio homem~~.

Porém, foram sobretudo o julgamento e a morte de Sócrates os acontecimentos que chamam a atenção dos estudiosos até hoje, narrados nos diálogos platônicos, que trazem questões importantes sobre o pensamento ético. *Eutífron* e *Críton*, ambos trabalhos de Platão que tem Sócrates como protagonista, desenvolvem, na forma de diálogos, uma discussão em torno da ética. O primeiro diálogo - *Eutífron* - aborda o processo de acusação e condenação de Sócrates, trazendo em seu cerne a questão da justiça, e portanto colocando em pauta todo um conjunto valorativo, moral e comportamental da sociedade ateniense. No segundo diálogo, *Críton*, amigo de Sócrates, lhe oferece fuga, dias antes de sua execução. Entretanto, Sócrates se recusa a fugir, tecendo uma argumentação lógica, que convence o amigo Críton de que aceitar a fuga seria o mesmo que ir contra tudo aquilo que ele (Sócrates) apregou durante sua vida em Atenas, traindo assim as leis que tanto respeitou.

Percebemos que Platão, em seus diálogos, apresenta Sócrates como alguém que respeita as leis, mas que se permite questioná-las, indagando sobre a validade das mesmas. Talvez possamos afirmar que a morte de Sócrates tenha contribuído muito para o pensamento ético, principalmente pela forma em que se deu e por colocar em *xoque* a organização jurídica e moral daquela sociedade.

Certamente a maior colaboração de Sócrates foi a de ter enfatizado, em seu pensamento, a subjetividade, que geralmente entra em choque com a moral efetiva. É o *demônio interior* de Sócrates que deve ser entendido como sendo o subjetivismo, demonstrando seu caráter reflexivo, do qual faz parte aquilo que se define como

³ O subjetivismo socrático surge com a ida de Sócrates ao templo de Delfos, motivado pela inscrição no frontão do templo, que dizia: “conhece-te a ti mesmo”.

“consciência moral”.

Tendo Sócrates como ponto inicial, a ética passa por um processo de aprimoramento enquanto reflexão, sendo estudada por diversos pensadores, em diferentes períodos. A subjetividade, que emerge no pensamento socrático (apesar de ser um pensamento essencialista, como veremos adiante), contribui para a reflexão de outros pensadores. Como afirma Valls (1994: 18):

Ora, se este movimento de interiorização da reflexão e de valorização da subjetividade ou da personalidade começa com Sócrates, parece que ele culmina com Kant, lá pelo final do século XVII.

A importância da filosofia socrática para o desenvolvimento do pensamento ético está atestada na própria postura indagadora do filósofo em relação aos costumes de seu tempo. Além disso, o subjetivismo, focado por sua filosofia, aborda exatamente a relação entre o homem e o meio social, em outras palavras, a relação entre subjetivismo e exterioridade, que constituem elementos relevantes para a compreensão do comportamento sócio-moral, uma vez que regras, leis ou costumes (o exterior) podem ou não ser seguidos, obedecidos e, portanto, subjetivamente aceitos, confirmando a relação entre estas duas dimensões.

A subjetividade, em certa medida, influencia e é igualmente influenciada pelos fatores objetivos (costumes, tradição, sistema jurídico) que constituem o mundo cultural (exterior) e, portanto, o subjetivismo e a exterioridade, apesar de suas particularidades, devem ser considerados como faces de uma mesma moeda, mantendo uma relação recíproca em termos de influência e transformação moral e ética, sendo um engano acreditar que a primeira tenha mais peso do que a segunda ou vice-versa.

Mas, inclusive quando o indivíduo pensa que age em obediência exclusiva à sua consciência, a uma suposta “voz interior”, que em cada caso lhe indica o que deve fazer, isto é, inclusive quando pensa que decide sozinho no santo recesso da sua consciência, o indivíduo não deixa de acusar a influência do mundo social de que é parte e, a partir de sua interioridade, tampouco deixa de falar a comunidade social à qual pertence. (VAZQUEZ, 1989: 59)

Platão (428-348 a.C.), discípulo de Sócrates, deu continuidade aos pensamentos do mestre. Contudo, acabou por construir sua própria filosofia, desprendendo-se da filosofia socrática, construindo assim um sistema metafísico que influenciaria decisivamente todo o pensamento ocidental. A existência de um mundo supra-sensível em Platão, sendo este perfeito e imutável, deu à ética platônica uma dimensão igualmente metafísica. A moral terrena deveria espelhar-se o mais possível nos deuses, seres perfeitos, conhecedores da verdade absoluta. O pensamento ético em Platão reforça a dimensão essencialista - uma característica da Antiguidade clássica -, pouco contribuindo para a ética enquanto reflexão, uma vez que a moral dos homens fora substituída pela moral dos deuses, ganhando uma conotação imutável e apriorística. Para Platão, as coisas teriam valores em si, portanto os valores seriam objetivos e não subjetivos, ou seja, conceitos valorativos como o de

bem e mal, belo e feio, justo e injusto, etc., existem independentemente do homem, de maneira prévia.

O objetivismo axiológico tem antecedentes tão longínquos como a doutrina metafísica de Platão sobre as idéias. O belo e o bom existem idealmente como entidades supra-empíricas, intemporais, imutáveis e absolutas, subsistentes em si e por si, independentemente também da relação que o homem possa manter com elas, ao conhecê-las ou intuí-las. (VAZQUEZ, 1989: 123)

As idéias de Platão ganharam muitos adeptos nos séculos que seguiram sua morte. Principalmente na Idade Média, onde ocorre a cristianização de parte de sua filosofia, os valores morais seriam justificados por certa moral divina, em outras palavras, por um sistema metafísico construído a partir das idéias de Platão. Santo Agostinho é considerado o arquiteto da cristianização do pensamento platônico, incorporando alguns aspectos da filosofia deste.

Aristóteles (384 – 322 a.C.), o estagirita, discípulo de Platão, desenvolve um pensamento mais lógico, enfatizando a observação e uma postura analítica, dando-lhe um caráter mais científico. Escreve algumas obras sobre ética, sendo *Ética a Nicomâco* e *Ética a Eudêmo* seus trabalhos mais significativos sobre o tema. Aristóteles analisa a questão do bem, e diferentemente de seu mestre Platão, que acreditava que o maior bem seria contemplar e alcançar a perfeição (verdade) num mundo ideal, o filósofo percebe a existência de muitos bens, dependentes de circunstâncias variadas. Contudo, Aristóteles acreditava que o bem final e supremo era a felicidade, cabendo ao homem, enquanto ser diferenciado dos demais, buscar aperfeiçoar sua natureza humana.

O pensamento aristotélico, apesar de não invalidar a metafísica⁴, centra a questão da ética no próprio homem, que deve alcançar sua felicidade através de uma vida equilibrada e regrada, sem exageros. Pender para mais ou para menos em ~~qualquer situação levaria o homem ao vício, contrário da medida~~⁵ preconizada pelo filósofo, que levaria à virtude. A idéia de vício e virtude em Aristóteles espelha o caráter essencialista de sua filosofia, tendo a felicidade como fim supremo e, portanto, algo que estaria acima do homem, muito embora possa, em parte, ser alcançado por este. Transgredir o equilíbrio é o mesmo que cair no vício, ou seja, no erro. A ética aristotélica, a exemplo da platônica e da socrática, justifica o comportamento e os costumes do período.

Evidentemente, foram inúmeros os pensadores, assim como diversas as áreas do saber, a dedicarem esforços sobre as questões éticas. Desde a antigüidade, passando pela idade média e moderna até nossos dias. Da filosofia socrática a Kant, de Sófocles a Spinoza, de Aristóteles a Dostoiévski, de Santo Agostinho a Nietzsche, a questão da ética e da moral foi amplamente abordada. Contudo, o objetivo deste bloco é o de introduzir a questão da ética, de uma maneira geral,

⁴ Termo atribuído ao próprio Aristóteles, que significa "aquilo que está além do físico".

⁵ Conceito criado por Aristóteles que corresponde ao equilíbrio que todo ser humano deveria ter para não se deixar levar pelo vício.

passando por sua origem, seus conceitos, suas variações no tempo histórico e principalmente buscando averiguar sua importância para nossa vida cotidiana. Portanto decidimos não nos estender sobre cada um deles, limitando-nos apenas a citar alguns filósofos da antigüidade grega, em grande parte responsáveis pela delimitação da ética. Com efeito, passamos agora a discutir a definição de ética, sob a ótica dos principais intelectuais e autores modernos, visando compreender seu significado, finalidade e preocupações.

4. Os conceitos sobre ética

A ética constitui um dos estudos mais complexos enquanto campo de interesse da filosofia, tendo sido abordada por muitos estudiosos e pensadores ao longo dos séculos. Na tentativa de compreender este campo de estudo, vamos expor algumas definições e conceitos, alicerçados em alguns de seus grandes teóricos.

Conceituar ética não é uma tarefa simples, levando-se em conta que este campo de estudo é bastante complexo. Com o intuito de facilitar nosso trabalho, partiremos da afirmação de VALLS (1994:7), segundo o qual a ética deve ser entendida como...

[...] um estudo ou uma reflexão, científica ou filosófica, e eventualmente teológica, sobre costumes ou sobre as ações humanas. Mas também chamamos de ética a própria vida, quando conforme aos costumes corretos. A ética pode ser o estudo das ações ou dos costumes, e pode ser a própria realização de um tipo de comportamento.

Como pudemos observar, o autor define a ética num campo teórico e num campo prático. Enquanto reflexão sobre ações, comportamentos, costumes, a ética aponta uma dimensão teórica. Já enquanto realização de uma ação, desde que condizente a um tipo específico de comportamento vigente e legitimado, a ética mostra sua expressão prática. Neste sentido, a ética pode ser entendida enquanto reflexão sobre os fundamentos de um dado comportamento ou ação. Por outro lado, quando se faz uma afirmação, "aquele homem agiu eticamente", estamos nos referindo a uma realização, que neste caso pode ser considerada ética, pois a ação está baseada e condizente com uma prescrição (lei, norma, regra, costume ou tradição) que não coloque em risco a integridade do indivíduo ou grupo.

Para VAZQUEZ (1989: 11) a ética é tida como:

[...] teoria, investigação ou explicação de um tipo de experiência humana ou forma de comportamento dos homens, o da moral, considerado, porém na sua totalidade, diversidade e variedade. O que nela se afirma sobre a natureza ou fundamento das normas morais deve valer para a moral da sociedade grega, ou para a moral que vigora de fato numa comunidade moderna. É isso que assegura o seu caráter teórico e evita sua redução a uma disciplina normativa ou pragmática. O valor da ética como teoria está naquilo que explica, e não no fato de prescrever ou recomendar com vistas à ação em situações concretas.

Como vimos, Vazquez reforça a dimensão teórica da ética, que é definida como teoria investigativa, portanto analítica e crítica, buscando compreender e explicar o comportamento moral. Porém o autor faz importante observação, ao descrever a ética não a matriz da moral, mas sim como estudo que tenta explicá-la.

O autor ainda define melhor o papel teórico da ética, quando afirma:

A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade, ou seja, é ciência de uma forma específica do comportamento humano. [...] a ética se ocupa de um objeto próprio: o setor da realidade humana que chamamos moral, constituído – como já dissemos – por um tipo peculiar de fatos visando descobri-lhes os princípios gerais. (VAZQUEZ, 1989: 12-13)

Definimos a ética como ciência ou estudo do comportamento moral, que se constitui a partir de uma reflexão sobre os fundamentos que norteiam nossas ações, podendo mostrar-se crítica ao desvelar aspectos distorcidos desses fundamentos ou até mesmo legitimar determinado conjunto moral. Com efeito, ética é uma ciência autônoma, que apesar de sua relação com o pensamento filosófico não se reduz a uma mera disciplina deste. Seu objeto de estudo é o conjunto de normas, leis, prescrições, comportamentos, tradições, enfim, a moral efetiva.

Os debates contemporâneos em torno do conceito de ética foram travados por diversas perspectivas filosóficas, desde a questão ontológica (do ser enquanto ser) nos pensadores fenomenológicos, até a questão da liberdade, tema central no pensamento existencialista de Sartre. Recentemente, a partir dos anos 80 do século passado, duas vertentes de pensamento têm travado debates sobre a possibilidade de um discurso ético: os filósofos neomodernos e os pensadores da pós-modernidade.

Os pensadores neomodernos, como Jürgen Habermas, defendem o resgate da racionalidade original do projeto iluminista, desviado que foi de seus princípios para atender aos interesses do capitalismo. Defende a construção de uma nova ética, a partir de um discurso racional-argumentativo em bases subjetivistas.

Já os pensadores ditos “pós-modernos” decidiram pela morte da razão, abordando o discurso ético como meio racional para o estabelecimento de princípios universais. Este grupo acabou por ajudar a consolidar o discurso do chamado pensamento “neoliberal”.

5. A dimensão ética da profissão

Ética no futebol, ética na política, ética na profissão. Como apontou Paulo Arantes, filósofo e professor da Faculdade de Filosofia da USP, numa entrevista concedida a um canal universitário de São Paulo, “quando se começa a falar muito em ética, temos que desconfiar”. Segundo o filósofo, a banalização da palavra ética na verdade tem um papel de “calmante filosófico”. Diante das pressões sociais por mudanças, as elites preferem falar em ética.

Para iniciarmos uma discussão mais ampla em torno da ética na profissão,

decidimos por definir dois termos que são utilizados indiscriminadamente, sendo estes, ética e moral. Para isto nos apoiamos nas definições de Terezinha Rios, buscando compreender o significado destes termos e ao mesmo tempo verificar como se dá a relação da ética com a profissão.

Ética e moral são palavras atualmente utilizadas de maneira única, porém não são a mesma coisa. A ética não se reduz a um conjunto de prescrições, princípios, valores, normas, estas estariam no campo da moral. A Ética, então, se define como uma reflexão crítica (abrangente, clara, profunda) sobre a moral, buscando refletir e analisar os fundamentos de determinada prescrição ou um conjunto normativo.

Quando falamos em ética profissional, estamos entrando na questão do trabalho. O trabalho é uma ação tipicamente humana transformadora da natureza, e só se realiza na medida em que o homem possui liberdade, consciência e intencionalidade. A cultura é, portanto, resultado do trabalho do homem, mas não isoladamente. Produzimos cultura com o outro, e por isto vivemos em sociedade. Portanto, o trabalho tem uma dimensão coletiva e transformadora. O exercício da profissão tem caráter constituidor de identidade para o homem, dentro de determinado contexto histórico-social.

A profissão não é destituída de uma finalidade. Devemos ser profissionais por algum motivo ou fim. Este fim é a felicidade que, como aponta RIOS (1999), pode ser vista como *bem comum*. Ninguém pode ser feliz sozinho, só podemos ser felizes com a presença do outro, tanto daqueles que compartilham das mesmas opiniões, quanto dos que se diferenciam por adotarem outras posições, como diria Aristóteles “uma andorinha só não faz verão”.

Ora, enquanto profissionais queremos sempre agir de maneira competente. Aliás ser profissional tornou-se um sinônimo de ser competente. Por competência - concordamos com Rios – entendemos *fazer bem o dever*. Com efeito, a autora em seu trabalho *Ética e Competência* nos mostra que a competência tem uma dimensão política e uma dimensão técnica, que não devem antagonizar, e são mediadas pela ética, que não constitui uma terceira dimensão, mas é imanente à técnica e à política. Pode-se argumentar que nem toda a ação é competente, mesmo quando tem a finalidade de ser. Realmente só o sentir-se competente não faz alguém competente. Entretanto, como bem ressalta Rios, não podemos ser cínicos. Nossa atuação enquanto profissionais depende de estarmos bem preparados para *fazer bem o nosso dever*, ou seja, agir de maneira competente. Não afirmamos que os equívocos não podem fazer parte do jogo. Aliás, a competência não é pré-determinada ou fixa, ela é construída.

A ética profissional não pode ser reduzida aos códigos de ética, que na verdade constituem códigos morais, mas deve ser a busca por uma reflexão crítica sobre a ação do profissional no seu espaço de trabalho, que deve fundamentar seu bem estar e o dos outros, uma vez que o trabalho se dá por uma relação. Não podemos por isso agir com cinismo, descrença nos valores. Devemos agir para a construção

do bem comum, da felicidade.

A ética como reflexão crítica nos ajuda a analisar os fundamentos morais que norteiam nossas ações. Portanto a ética profissional implica nesta mesma reflexão crítica. Como já foi dito, toda ação para se consolidar deve dispor de liberdade, consciência e finalidade. Temos que, a partir da reflexão ética, policiar nossas ações e desvelar os elementos que as norteiam.

Sendo livres para escolher, somos também responsáveis e, portanto, conscientes de nossas ações, que sempre têm uma finalidade. Se desconhecemos os fundamentos de nossas ações, não podemos nos dizer conscientes e livres, tornando-nos vítimas de instrumentos ideológicos que camuflam intenções que não são nossas.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

GöERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 2001.

NOVAES, Adalto (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PEREIRA, Otaviano. *O que é moral*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

RIOS, Terezinha A. *Ética e Competência*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *A dimensão ética da profissão*. Revista Hypnoe: Vol. 3/ Ano 2, 1997.

VALLS, Álvaro. *O que é ética*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VAZQUEZ, Adolfo Sanches. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.